ELISETE GASPAR BARBOSA DA SILVA

RESUMO
As manifestações criativas desempenham papéis relevantes em variados âmbitos da existência humana, desde a manifestação singular até a comunicação sociocultural e política. Esse artigo apresenta algumas das influências das manifestações criativas em suas múltiplas formas de expressão: Manifestação e comunicação. As manifestações criativas possibilitam que os indivíduos externem suas emoções, sentimentos e pensamentos de maneiras inventivas e significativas. Por meio da música, movimento, encenação, literatura, artes plásticas e outras formas de manifestação, as pessoas podem se comunicar de maneira mais profunda e autêntica. A exposição a diferentes formas de manifestação pode aprimorar a criatividade, a imaginação, a memória e a capacidade de solucionar problemas. Uma análise sobre o papel das Expressões Criativas na vida da sociedade parece ser dispensável, uma vez que ninguém questionaria a importância atribuída a essa forma peculiar de atividade humana, que proporciona a apreciação de obras de inegável valor estético, concebidas ao longo da história da humanidade, capazes de evocar sentimentos e sensações de exaltação e admiração em todos aqueles que, de alguma forma, têm acesso a elas. No entanto, como pode ser constatado na vasta literatura sobre o tema, a definição de expressões criativas (ou das manifestações artísticas, se preferir) está longe de ser uma questão resolvida. Trata-se da representação do mundo por meio de imagens artísticas, algo plenamente aceitável no caso da literatura e das artes visuais, mas mais complexo de admitir no âmbito da música ou da dança, da arquitetura e das artes ornamentais.

Palavras-chaves: Comunicação; Influências; Manifestações; Representação.

INTRODUÇÃO
No início do século XX, surgiram duas definições que derivam da reflexão sobre a representação como característica essencial da arte. A primeira estabelece a arte como uma forma significativa, enquanto a segunda a considera como a expressão de emoções. Ambas minimizam a conexão da obra de arte (e, consequentemente, do artista) com a realidade, em favor das qualidades estéticas do objeto de arte em si ou da relação entre a obra de arte e a mente criativa que a concebeu.
Essas considerações, de natureza idealista, podem ser rastreadas originalmente nas ideias de beleza e genialidade na teoria da arte de E. Kant. Tanto a definição não centrada no objeto quanto a definição voltada para o artista são usadas para distinguir o que é reconhecido como arte e o que não é, e, portanto, servem há muito tempo para avaliar (ou rejeitar) os valores estéticos de várias formas de arte progressistas. Apesar de buscar legitimidade, cada uma dessas definições é unidimensional e, portanto, incompleta.
A polêmica em torno da definição de arte chegou a sugerir que a verdadeira essência desse conceito reside em sua capacidade ilimitada de se adaptar a mudanças. Por outro lado, foi proposta uma definição institucional de arte, baseada na ideia de que a única característica comum entre as obras de arte é o fato de terem sido reconhecidas como tal por determinadas instituições em um determinado momento (HONDERICH, 2001). É difícil negar que a inclusão ou exclusão de diferentes obras no status de arte desempenhou outras funções na sociedade, como promover elitismo ou diferenças de classe.
A definição institucional nem sempre é convincente o suficiente para demonstrar o que há de particularmente valioso na arte. A arte (ou produto artístico) às vezes é considerada boa na medida em que possui um valor puramente estético, independentemente de qualquer valor moral, cognitivo ou utilitário que possa ter. No entanto, a arte também é importante como meio de compreender o comportamento humano, e o valor de duas obras de arte não pode ser separado do domínio da verdade e da moralidade.
A partir de uma concepção filosófica materialista, que abrange desde as ideias do atomismo grego até as complexidades dos neomar-

xistas contemporâneos, a arte é uma forma específica de consciência social e atividade humana, historicamente condicionada. Consiste, portanto, em uma reflexão subjetiva da realidade objetiva por meio de imagens artísticas, que são dois dos processos mais importantes no processo de apreensão estética do mundo.
Todas as grandes civilizações antigas (Egito, Mesopotâmia, China e Índia) abordaram tanto o desenvolvimento das forças produtivas, a partir da base econômica, quanto os resultados alcançados na superestrutura de suas sociedades, onde a arte ocupa um lugar tão distinto quanto a religião ou a organização do Estado.
Portanto, o surgimento da arte como uma atividade independente da produção material e dos artistas como indivíduos dotados de sensibilidades e habilidades específicas, dedicados exclusivamente a essa atividade, é resultado do desenvolvimento da sociedade, tanto no nível popular quanto no nível superestrutural. No entanto, a relação entre os elementos da sociedade não é mecânica. Um maior nível de desenvolvimento econômico e riqueza material não implica necessariamente em uma maior quantidade ou qualidade da arte e de seus produtos, assim como em sociedades em declínio e em momentos de claro processo de desaparecimento, têm emergido expressões magníficas de arte mais autêntica e genuína.

O DESENHO UTILIZADO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA
Tradicionalmente, até o século XIX, as instruções relacionadas às manifestações artísticas eram denominadas como "desenho". Inicialmente, essas instruções abrangiam disciplinas específicas, como desenho artístico, anatomia e cor., no entanto, ao longo da história, a visão do desenho como uma obra finalizada nem sempre foi reconhecida, e o desenho era considerado uma forma de arte inferior, servindo como suporte para outras disciplinas e apenas parte do processo de criação de uma obra maior.
Felizmente, hoje em dia, o desenho adquiriu o status de uma obra de arte completa, e os museus estão repletos de desenhos. Mídias como quadrinhos e ilustrações são evidências da importância do desenho. O desenho acadêmico, que envolve o estudo da luz, proporção e forma, realizado com materiais tradicionais, tem sido alvo de questionamentos em várias ocasiões. No entanto, os processos mentais envolvidos, como a capacidade espacial e perceptiva, o desenvolvimento da criatividade, a concentração, a observação, a memória visual e o aprimoramento da sensibilidade estética, são essenciais para a compreensão e interpretação da realidade, além de uma formação artística completa.
Desde o período de colonização até os dias atuais, os povos nativos da América foram submetidos a uma drástica transformação em sua formação e desenvolvimento cultural. As correntes educacionais dominantes, presentes desde o início e ao longo do século XXI em que vivemos, têm como objetivo criar indivíduos imitativos, robóticos ou alienados que contribuam para a produção cultural de terceiros.
A formação do artista não escapa das imposições das culturas dominantes, às quais nos submetemos sem questionamentos, e até nos orgulhamos disso. Quando um artista não se adapta às normas dessas culturas, ele é desdenhado e considerado inferior diante da "inovação artística do mundo desenvolvido". Valoriza-se o avanço científico e tecnológico do mundo hegemônico, mas não se valoriza a realidade em que vivemos.
No entanto, nas primeiras décadas do século XX, artistas e estudiosos começaram a demonstrar e exigir uma produção artística que refletisse nossa própria realidade. A arte faz parte do nosso cotidiano, assim como as cores que vemos todos os dias. Portanto, os professores de artes têm uma ampla gama de atividades que podem ser exploradas em sala de aula, principalmente no que diz respeito à pintura, que atrai a atenção de crianças, jovens e adultos.
Desde o nascimento, as artes fazem parte de nossa existência, preenchendo tudo o que vemos. A pintura é algo tão familiar que se torna difícil compreender que ela não corresponde às propriedades físicas do mundo, mas sim a uma representação interna, em nível cerebral. Os movimentos e técnicas utilizados na criação artística e na pintura exigem habilidades motoras refinadas. O movimento do pincel,

a aplicação de cores entre linhas pequenas e o refinamento de detalhes em um desenho requerem atenção aos detalhes e movimentos constantes das mãos. Criar arte ajuda as crianças a desenvolver e aprimorar suas habilidades motoras de maneira divertida e envolvente.

Desenhar formas e recortar objetos melhora a destreza geral. À medida que a destreza aumenta, a caligrafia melhora, a capacidade de desenhar linhas mais complexas se desenvolve e a precisão nos desenhos e pinturas aumenta.

A escultura, o desenho e a montagem de formas desenvolvem habilidades de consciência espacial, que são importantes para crianças, jovens e adultos. Em um mundo repleto de simbolismo e imagens visuais, as pessoas são expostas a informações visuais que precisam interpretar, compreender e utilizar para tomar decisões com base no contexto. Hoje em dia, as crianças já utilizam jogos em tablets e smartphones para aprender. Elas absorvem informações visuais antes mesmo de serem plenamente capazes de ler.

No decorrer da história, nem sempre o traçado foi considerado uma obra finalizada, sendo muitas vezes subestimado como uma forma de arte menor, servindo apenas como suporte para outras disciplinas e parte do processo de criação de uma obra maior.

Felizmente, atualmente o traçado adquiriu o status de uma obra concluída, com os museus repletos de traçados, e mídias como histórias em quadrinhos e ilustrações são evidências de sua importância.

O traçado acadêmico, que envolve o estudo da luminosidade, proporção e formato, feito com materiais tradicionais, tem sido questionado em várias ocasiões. No entanto, os processos cognitivos envolvidos, como a capacidade espacial e perceptiva, o desenvolvimento da criatividade, a concentração, a observação, a memória visual e o aprimoramento da sensibilidade estética, são fundamentais para a compreensão e interpretação da realidade, assim como para uma formação artística completa.

DESCRIÇÃO DAS DISTINTAS LINGUAGENS DAS ARTES VISUAIS NO PROCESSO EDUCATIVO

A instrução artística tem suas raízes na representação, que, juntamente com a leitura, a escrita, o canto e a execução musical, constituíam o programa fundamental do ensino básico no século XVII. A representação continuou a ser um componente essencial do currículo ao longo dos séculos XVIII e XIX, quando os educadores reconheceram sua importância no ensino de habilidades manuais, estudo da natureza, geografia e outros temas. Posteriormente, a instrução artística expandiu-se para incluir pintura, design, artes gráficas e as "artes plásticas" (por exemplo, escultura e cerâmica), embora a arte ainda fosse vista principalmente como utilitária.

No século XX, com o surgimento do modernismo, a instrução artística afastou-se de uma filosofia utilitarista para uma de expressão criativa, ou seja, a arte como meio de desenvolvimento pessoal. A arte continuou a ser valorizada, embora com menos frequência como um tema central, nas primeiras décadas do século, mas perdeu importância com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. A educação artística atingiu um ponto baixo na década de 1970, quando a diminuição da população estudantil e uma crise energética nacional causaram o fechamento de muitas escolas e cortes em programas. Os programas de arte foram os primeiros a sofrer redução ou eliminação.

No entanto, a década de 1970 também marcou o início de um período de esforço intenso por parte dos educadores artísticos para reavivar o interesse pela educação artística.

Os alunos devem compreender e aplicar os procedimentos e meios da arte; utilizar estruturas e funções das artes visuais; selecionar e avaliar uma variedade de temas, símbolos e ideias; compreender a arte em relação à história e às culturas; refletir sobre e avaliar o valor de seu próprio trabalho e do trabalho de outros; e estabelecer conexões entre a arte e outras disciplinas.

O verdadeiro e natural caminho para que o homem realize seu potencial criador..., reside no processo elementar de cada um poder crescer em seu tempo vital e poder amadurecer, de poder integrar-se como ser individual e como ser cultural. (OSTROWER, 1977 p.144)

Essa concepção da educação artística convergiu com outras teorias que se tornaram amplamente aceitas durante o último quarto do século XX. Três merecem destaque. Primeiro, o construtivismo substituiu o behaviorismo como teoria instrucional orientadora, baseando-se no trabalho de educadores e pesquisadores como Jerome Bruner (1960), Jean Piaget (1974) e Lev S. Vygotsky (1978). O construtivismo postula que os alunos desempenham um papel crucial na "construção" de seu próprio conhecimento. Enquanto o behaviorismo tende a enxergar o professor como um transmissor de conhecimento, o construtivismo vê o professor como um facilitador que auxilia os alunos na aquisição de conhecimento e em sua aplicação individual.

Em segundo lugar, o pós-modernismo emergiu como sucessor do modernismo. Identificado primeiramente na arquitetura por Charles Jencks (1977), a característica central da teoria pós-moderna é a ausência de um domínio cultural. Na educação artística, isso resultou em uma maior ênfase no multiculturalismo e na ampliação do cânone tradicional.

Terceiro, a teoria das inteligências múltiplas, desenvolvida por Howard Gardner (1983), argumenta que as crianças pensam e aprendem com base em suas forças intelectuais individuais. Gardner inicialmente identificou sete inteligências - musical, cinestésica, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal e intrapessoal - e posteriormente acrescentou outras (VERUNSCHK, 2008).

Ao implementar currículos artísticos com base nessas teorias, muitos educadores artísticos acreditam que "os alunos podem construir seu próprio conhecimento, crenças e valores para tomar decisões pessoais e artísticas".

As crianças são artistas naturais. Desde a primeira infância, elas se encantam com a interação de luz e sombra, forma e cor. Objetos pendurados em um móbile e as formas básicas de esferas e blocos as fascinam. À medida que as crianças se desenvolvem, elas conectam o visual e o tátil, explorando diferentes materiais e expressando suas ideias e emoções por meio da arte. A instrução artística pode ajudar a desenvolver habilidades cognitivas, emocionais, sociais e físicas, além de promover a criatividade, a auto expressão e a apreciação estética.

Ao integrar essas linguagens nas atividades educativas, os alunos podem expandir sua compreensão e apreciação das artes visuais, bem como desenvolver sua própria voz artística.

O PAPEL DO PROFESSOR COMO FACILITADOR DE EXPERIÊNCIAS DE ARTES VISUAIS

Os professores desempenham papéis essenciais na forma como as crianças vivenciam as artes visuais na primeira infância. Isso ocorre porque são os professores que criam o ambiente da sala de aula, que decidem quais materiais de artes visuais estão disponíveis e quando, e quem escolhe onde e quando as crianças se envolverão nas artes visuais.

Se é verdade que o gênero humano, cuja dialógico cérebro/mente ainda não está encerrada, possui em si mesmo recursos criativos inesgotáveis, pode-se então vislumbrar para o terceiro milênio a possibilidade de uma nova criação cujos germes e embriões foram trazidos pelo século XX: a cidadania terrestre. E a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão (MORIN, 2007, p. 72).

Alguns professores acreditam em uma abordagem sem intervenção. Os professores que defendem essa abordagem podem ser informados pela crença de que a criança é inatamente criativa. Eles acreditam que seu papel é fornecer os materiais e um ambiente de apoio, mas que as crianças podem fazer isso sozinhas. Eles percebem que a interferência do adulto afeta negativamente a criatividade da criança. A crítica dessa abordagem argumenta que as teorias socioculturais nos ajudaram a entender que as crianças são de fato influenciadas por tudo, seus relacionamentos, seu ambiente, sua cultura e os materiais com os quais interagem. Essas teorias destacam que a aprendizagem é uma experiência social: portanto, criar isoladamente sem feedback, discussão e interação atrapalha o desenvolvimento do artista. Na verdade, as crianças anseiam por interação, feedback e discussão sobre suas ideias, criações e interesses.

Arendt (1979 apud BARBIEIRI, 2012) corrobora, afirmando que:

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca desta, porém, sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por esse mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: isso é o nosso mundo (p. 146).

Em contraste, uma abordagem dirigida pelo professor está se tornando cada vez mais adotada por alguns professores da primeira infância. Nesses casos, os professores planejam atividades pré-fabricadas para crianças que geralmente são inspiradas em sites como o Pinterest. Este é o tipo de arte em que pode ser difícil diferenciar o trabalho de uma criança de outro. Essas atividades podem parecer "seguras" para os professores porque não há surpresas e eles podem controlar o resultado. No entanto, muitas experiências dirigidas pelo professor podem impactar negativamente a auto eficácia das crianças nas artes e elas podem se tornar dependentes do professor para orientação e instrução.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCN´s, 1997, p. 19).

Muitos professores, quando solicitados, podem remontar ao momento em suas vidas quando um professor ou modelo importante criticou, dirigiu demais ou controlou sua produção artística.
Existem várias maneiras pelas quais os professores podem construir sua confiança pessoal e conhecimento pedagógico para ensinar artes visuais nos primeiros anos. Um ponto de partida importante é a autorreflexão. Isso pode ser uma jornada pessoal ou parte de uma investigação compartilhada em todo o centro. Refletir sobre a história pessoal com as artes visuais pode permitir que os professores identifiquem quando e como sua confiança foi perdida em primeiro lugar. Há um valor real em compartilhar as memórias dessas experiências nas equipes de ensino. Essa pode ser uma estratégia eficaz para construir uma filosofia compartilhada das artes visuais, decidindo juntos como as artes visuais podem ser valorizadas e inseridas no currículo. Também é importante ter essas discussões com as famílias.

O Ensino da Arte na escola orientado pela Abordagem Triangular pretende formar o conhecedor, o decodificador da obra de arte e das imagens do cotidiano ou da cultura visual. Ou seja, este ensino promoverá uma recognição, uma reinvenção dos sujeitos envolvidos e estes se ressocializarão e se humanizarão (BARBOSA, 2010, p. 133).

É vital que os professores tenham conhecimento prático e pedagógico das artes visuais. É muito importante brincar com materiais de artes visuais antes de oferecê-los às crianças. Os professores podem inscrever-se em uma aula noturna ou organizar um evento de aprendizagem profissional para desenvolver novas técnicas ou entendimentos de diferentes gêneros artísticos. É muito mais fácil apoiar a criação de arte infantil quando você pode realmente ter empatia com os desafios de trabalhar com diferentes mídias. Os professores podem então se envolver em conversas autênticas com as crianças sobre a produção de arte, que muitas crianças apreciam. O mesmo pode ser dito do conhecimento pedagógico. O desenvolvimento profissional que desenvolve a compreensão teórica dos impactos de diferentes abordagens de ensino é outro veículo por meio do qual os professores podem examinar e talvez reformular a forma como veem as crianças como alunos. Isso, por sua vez, impacta fundamentalmente em como eles respondem como professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo a perspectiva da pedagogia contemporânea, a instrução artística deve se concentrar em abordagens metodológicas inovadoras, visando envolver os alunos de forma cativante e promovendo seu desenvol-

vimento individual. Reconhecer a arte como uma atividade criativa abrangente implica em proporcionar aos alunos estímulos que permitam expressar-se artisticamente, por meio de métodos e atividades variadas que despertem seu interesse pessoal.

O ensino nas escolas deve ir além da aprendizagem baseada apenas em fatos e da memorização mecânica, passando a valorizar as dimensões humanas e preparando os alunos para serem cidadãos capazes de atuar na sociedade.

No ensino da arte, é essencial que o professor atue como um verdadeiro educador, dominando o conhecimento artístico para transmitir segurança aos alunos e ajudá-los a compreender a importância da arte em seu pleno desenvolvimento. A arte tem estado presente em praticamente todas as culturas humanas ao longo da história. O indivíduo que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve que aprender sua arte de alguma forma e, da mesma maneira, ensinou a outros o que aprendeu.

Portanto, acredita-se que o ensino de arte precisa ser repensado, começando com uma conscientização dos professores sobre a importância fundamental da arte na educação, a fim de desenvolver melhor o trabalho em sala de aula e ajudar os alunos a compreender essa necessidade.

REFERÊNCIAS BILBIOGRÁFICAS

BARBIERI, Stela. Interações: Onde está a Arte na Infância. São Paulo: Blucher, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria e Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte. Brasília: MEC, 1997.

COELHO, Rodrigo Borges. O desenho ou a vontade do seguinte. Vol. 2. EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. Curso de especialização em ensino de artes visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

DERDYK, Edith. Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do grafismo Infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

DICKIE, G. (1974). Arte e Estética. Nova York: Ithaca.

LACERDA, Vivian. A importância da arte na educação – vida plena à cidadania. Disponível em: http://www.rumosdobrasil.org.br/2009/10/29/aimportancia-da-arte-da-educacao-vida-plena-a-cidadania/. Acesso em: 19 fev.2024.

LEOTE, Rosangella. Considerações sobre arte e tecnologia. In: RAMOS, Stella;PAULI, Evaldo. Enciclopédia Simpósio. Florianópolis.1997. Disponível em: http://cfh.ufsc.br/~simpozio/megaestetica/e-cores/3911y035.html. Acesso em: 19 fev.2024.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.

VERUNSCHK, Micheliny. A arte na escola: um longo caminho. Disponível em:http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2720&cd_materia=366. Acesso em: 19 fev.2024.